



RYUJIN E A SELA PERDIDA



RYUJIN E A SELA PERDIDA

A· G· OLYVER

1ª Edição

2021

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S Olyver, A. G., 1984
I. Contos da Saga Draconiana - Ryujin e a Sela Perdida/ A. G. Olyver. - 2021
172 P. ; 21 cm.

I. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

I. Título

CDD: B869.3
CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

DEDICATÓRIA

Nesse segundo volume dos Contos da Saga Draconiana, onde trago uma aventura solo de nossa querida Drakkar Acroma Ryujin, gostaria de fazer uma dedicatória diferente, pois há muito agradeço sempre às mesmas pessoas. E, claro, continuo imensamente grato a todas elas por todo o apoio, já que, jamais poderia deixar de deixar expressa aqui meu amor e gratidão às duas mulheres mais importantes da minha vida: minha mãe *Nerci Maria Godois de Oliveira* e minha esposa *Gleyce Kelly Costa Duarte*.

Todavia, além de todos aos que já agradei diversas vezes, quero acrescentar a essa dedicatória, uma amiga que acompanha A Saga Draconiana desde o início e, tal como uma leitora beta, sempre me cobra e me aponta algumas coisas para a correção. Essa grande amiga por quem tenho imenso carinho é a *Débora Cristina da Silva*. Fiel leitora com quem muito discuto esse Universo Drakkar. Obrigado por todo o apoio e todas as cobranças para eu continuar escrevendo esses livros.

E agora, sem mais delongas, vamos ao nosso conto, pois como sabemos, a Ryujin não tem paciência para ficar esperando...

Boa Leitura!

A. G. Olyver

SUMÁRIO

I	– ONDE E QUANDO?.....	11
II	– FAMILIA?.....	27
III	– QUEM?.....	45
IV	– MAIS PERGUNTAS?.....	59
V	– HAVIA MAIOR SINAL DE BOA SORTE?.....	75
VI	– E AGORA?.....	83
VII	– O QUE FOI ISSO?.....	105
VIII	– O QUE VAMOS FAZER?.....	117
IX	– A SELA PERDIDA.....	141
X	– A ESCORPIÃ.....	151

A · G · OLYVER





ONDE E QUANDO?

Minha cabeça doía demais. Sabia que não devia ter desobedecido QingLong outra vez. Ela tinha razão: abusar da Palma Cíclica era implorar para sofrer as consequências. Porém, ainda assim, se não fosse eu usá-la novamente, não teria conseguido meter a mão na cara daquela Tiamat tempo suficiente para Sophie usar a Tábua.

Felizmente ela conseguiu destruir aquela maldita e salvar o mundo. Caso contrário não estaria tendo um monólogo interno em um chão frio e molhado.

– Chão frio e molhado? – lembrei-me de estarmos lutando com Tiamat em uma grande planície de terra seca ao pé de uma cordilheira de montanhas.



– Saiam da frente, seus idiotas! – ouvi gritos ao longe.

E foi então que percebi as outras conversas que aconteciam ao meu lado como se eu estivesse no meio de uma multidão em movimento.

Abri os olhos, ainda turvos, e tentei enxergar o que estava acontecendo.

– Mas o que... – levantei-me do chão e me sentei.

Eu estava no meio do que parecia ser uma rua, ou algo do tipo, feita de terra e pedras, entre diversas casinhas antigas de madeira, de teto de barro cosido, como se fossem as velhas *Hanok* do vale *Namsan* e da vila *Bukchon* em Seul, cidade onde nasci e passei parte da infância. Porém, aquelas *hanok* haviam sido construídas na...

– Dinastia Joseon... – disse abismada franzindo o queixo – Isso não pode ser real. Eu devo estar alucinando... – murmurei.

A Dinastia Joseon, se bem me lembrava das aulas de história fundamental, havia terminado há mais de cem anos. Ela tinha se iniciado no século quatorze e durara por mais de quinhentos anos reinando por toda a região da Coreia.

– Não acredito – balbuciei boquiaberta vendo ao longe o palácio *Changdeokgung* repleto de bandeiras e pessoas para todos os lados.

Aquele era o palácio real que, durante a Dinastia Joseon, abrigava os reis. Porém, pelo que me lembrava, ele era somente usado para o turismo e já era um patrimônio da humanidade; um museu. Não um local repleto de vida agitada como estava vendo diante dos meus olhos.

Estava confusa com tudo aquilo, mas realmente estava muito feliz em poder ver, depois de tanto tempo, todas aquelas pessoas, vivas, conversando, sorrindo e andando para lá e para cá.



RYUJIN E A SELA PERDIDA

Sentia uma espécie de alívio, por ver tanta vida fluindo na minha frente; pois nos últimos anos eu apenas experimentara a dor, a perda, o medo e o desespero de ver o mundo acabando e a humanidade e os Drakkars, meus amigos, desaparecendo um por um.

Levantei-me rapidamente da rua e bati a terra úmida da roupa que QingLong havia me dado para o treinamento.

– Tudo bem... – tentei me acalmar – Eu deixei QingLong... – comecei a recapitular meus passos – Fui até Sophie e as meninas... meti a mão na cara da Tiamat... peguei a Tábua e a ativei e, por fim, usei a Palma Cíclica duas vezes e...

Comecei a me lembrar dos golpes que dei em Tiamat, usando a Palma Cíclica e a técnica que QingLong havia me ensinado, chamada de “Punho das Onze Virtudes de Jade”. Recordei-me de bater mais e mais forte e ir cada vez mais rápido, até que pude ver aquele monstro praticamente congelado, parado completamente. Então eu senti meu corpo como se fosse energia pura e um clarão de luz me fez perder a consciência.

– E agora estou aqui... nesse lugar estranho... – comentei – Tudo bem... se o Palácio Changdeokgung está aqui... então estou em Seul... Mas é melhor confirmar...

Ataquei uma mulher que passava por mim e ela, ao me ver, entrou em pânico e saiu correndo.

– O que foi? – gritei para ela de braços abertos.

Estava cheirando mal? Era meu cabelo azul? Mulher maluca.

– Saia! – ouvi novamente os gritos um pouco mais perto.

Olhei naquela direção e vi um pequeno grupo de homens passando e chutando as pessoas que não saíam do seu caminho.



– Tire essas porcarias daqui! – um daqueles homens mal educados empurrou uma mesinha, de um velho que vendia algumas verduras e legumes.

– Não! – um jovem, que deveria ser filho daquele velho, empurrou o homem que derrubou a mesinha.

Queria defender seu pai, certamente.

– Seu idiota! – outro daqueles homens pegou o jovem pelo pescoço e começou a socá-lo no rosto.

As pessoas em roda, assustadas, pareciam não ter coragem de fazer nada. Foi quando percebi que outro daqueles homens puxava uma espécie de espada e se preparava para acertar o jovem com ela.

Não pensei. Alguém precisava fazer alguma coisa. Então corri para cima deles e, no instante em que a espada acertaria a cabeça do jovem, eu interceptei o punho daquele homem, segurando-o com muita força.

– O que é isso? – ele gemeu de dor.

– Solte-o! – chutei o homem que segurava o jovem.

Todas as pessoas covardes, em roda, ficaram assustadas e murmuraram um monte de tolices. Algo sobre eu estar maluca e não fazer ideia de quem eram eles. Ora, quanta besteira. Eles é que não faziam ideia de quem eu era.

Aqueles homens vieram todos para cima de mim; porém, usando a Garra Ócupla, esquivei de alguns de seus ataques, bloqueando outros com as mãos, e devolvendo os golpes nos pontos de pressão musculares, fiz com que eles caíssem no chão, chorando de dor.

– Nunca mais maltratem essas pessoas – eu disse a eles.



RYUJIN E A SELA PERDIDA

– O que está acontecendo aqui? – ouvi uma voz grossa e comandante, vindo de trás de mim.

Ao olhar, vi três pessoas: dois homens e uma mulher. Um dos homens e a mulher tinham os cabelos muito brancos, quase prateados, e os olhos azuis. O outro, que parecia mais importante, vestia-se igual, com um longo *durumagi* preto, isto é, uma roupa masculina tradicional coreana; porém, diferente dos outros dois, ele tinha os cabelos e os olhos escuros, como qualquer outra pessoa daquele lugar. Todos eles eram, certamente, coreanos.

– Os Protetores! – os homens que eu havia surrado se levantaram e saíram correndo, ainda gemendo de dor.

Então aqueles eram os Protetores.

QingLong havia me falado sobre eles. Sobre como foram traidores e mataram covardemente muitos Drakkars durante a Grande Guerra Drakkar. Os cabelos claros e os olhos azuis faziam sentido agora. Porém, aquele que era normal, se fosse mesmo parte do Clã dos Protetores, pelo que me dissera QingLong, era um dos que tinham ido além dos três níveis da Palma Servil, tornando-se um Executor. E isso era perigoso; pois os Executores do Protetorado, como dizia QingLong, podiam matar praticamente qualquer coisa viva, explodindo os pontos sincrônicos do Fluxo, dentro do corpo. E isso me colocava em risco.

– Quem é você? E o que está fazendo em Hanyang? – perguntou aquele que poderia ser um Executor.

Hanyang? Algo realmente não estava certo. Aquele nome era como Seul se chamava durante grande parte da Dinastia Joseon.

– Eu... – cocei a cabeça.

Como iria explicar? Eu mesma não estava entendendo o que estava acontecendo. Tudo parecia indicar que, de alguma forma,



mesmo sendo impossível, eu tinha regressado àquela época da Dinastia Joseon. Entretanto, eu não tinha aquele poder da Sophie, de mexer com o tempo como contavam Aimée e Helena.

– Ela não parece uma pessoa comum – disse a Protetora que estava com eles – Você é Drakkar? – ela apontou a mão para mim como se fosse usar algum de seus poderes.

Vi no mesmo instante que ela não entendia o que estava acontecendo.

– Não... – ela disse – Ela não é Drakkar... É só uma humana tola que começou uma briga.

Eu era uma Drakkar, mas como eles se baseavam no Elemento desperto para poder controlar o Sangue Draconiano e, claro, eu não possuía Elemento, ela não conseguiu fazer nada comigo. Essa era uma vantagem de ser uma Drakkar Acroma.

– Isso não pode estar certo – disse o outro Protetor – A mim me pareceu que ela enfrentou aqueles vagabundos usando um nível avançado da Garra Ócupla.

Maldito esperto. Que ódio.

– Você sabe o Caminho da Garra Ócupla? – perguntou aquele que poderia ser o Executor.

Eu fiquei nervosa. Nunca fora de mentir. Não sabia fazê-lo. Preferia muito mais ser honesta.

– Vem descobrir – disse sem pensar, franzindo o queixo e abrindo os braços, chamando-o para a briga.

“Impulsiva e petulante”, teria dito QingLong, dando-me um sermão. E ela estaria certa. Eu precisava trabalhar um pouco aquela minha rebeldia. Porém não seria ali, não naquela hora. Naquele momento eu tinha uma cara para meter a mão.



RYUJIN E A SELA PERDIDA

De súbito um barulho muito alto veio de trás dos Protetores e uma placa, de uma daquelas casas, caiu no chão. Com o susto, todos nós olhamos para ver o que era.

– Vem – ouvi um cochicho e senti que alguém pegava minha mão.

Rapidamente fui puxada dali, por uma pessoa que passava ligeiro por entre o povo.

Corri de mãos dadas com aquele estranho até deixar o burburinho de pessoas, aproveitando a sorte de me distanciar daqueles Protetores antes que algo fosse de mal a pior.

Seguimos por alguns minutos até estarmos completamente fora da visão e do ouvido das pessoas daquele local.

Todo o ambiente, aquelas pessoas, o nome de Seul, o palácio real... tudo aquilo realmente indicava que, de alguma forma, eu tinha mesmo regressado àquela época... ou, em outra hipótese, eu estava desmaiada em algum lugar e aquilo era uma alucinação bizarra.

– Espere! – puxei minha mão, deixando aquela pessoa correr um pouco sozinha.

– Ei! – disse a pessoa parando de súbito e virando-se para mim.

Era um jovem, de pele preta, que não devia ter mais do que vinte anos. Vestia-se relativamente bem, perto dos outros que vira naquele lugar e, certamente, não era dali.

– Quem é você? Onde estou? – perguntei, quase em tom de ordem.

– Você é como eles... – ele disse – Mas não parece ser daqui... É doida! – ele bateu com a mão em sua cabeça.



Que petulância me chamar de doida.

Ele respirou um pouco, como se pensasse em algo e, por fim, juntou as mãos e me cumprimentou como se eu fosse chinesa.

– Meu nome é Pierre... – ele disse – Mas meus amigos me chamam de Perrin...

– Está bem, Pierre... – disse irônica, já que não éramos amigos – E onde estamos?

– Eu não falo com estranhos – ele cruzou os braços, com um ultimato.

Queria que me apresentasse.

– Tudo bem... – dei o braço a torcer – Meu nome é Ryujin. Eu vim de muito longe e, na verdade, nem sei como vim parar aqui. Muito menos sei onde é “aqui” – mostrei o local com as mãos.

– Aqui é Hanyang, ora – ele riu – É a cidade real de Joseon... – fez uma cara como se eu tivesse a obrigação de saber.

Caramba... Era real?

Aquilo não podia ser verdade. O que tinha acontecido? O que eu fizera? Como pude mexer com o tempo daquela forma? Só podia ser coisa de Tiamat. Devia ter sido ela.

– Eu preciso achar QingLong... – resmunguei para mim mesma – Ela deve estar aqui em algum lugar...

– Onde você estava seu pivete? – ouvi um homem enorme, de longos cabelos loiros trançados que competiam com sua barba enorme, também trançada, da mesma cor.

– Ah... – Pierre ficou assustado – Olaf... eu... eu... – ele não sabia o que dizer – Estava conseguindo uma serva! – ele apontou para mim.

– Serva? – cuspi indignada.



RYUJIN E A SELA PERDIDA

– Serva? – riu o grandão, cujo nome era Olaf – Desde quando servo tem servo? Você é engraçado, Perrin – terminou gargalhando.

Pierre ficou visivelmente envergonhado.

Então ele era servo daquele homem chamado Olaf. Naquela época, realmente, aquilo não era de se espantar.

– Tudo bem... – disse – Preciso ir de qualquer forma... – comecei a andar para longe deles.

– Espere... – ouvi a voz de Olaf – Perrin não pode ter você de serva, mas eu posso ter você para mim...

Senti, de súbito, um ar passar por mim e logo Olaf estava na minha frente. Rapidamente, sem que eu pudesse pensar, ele me segurou pelos pulsos com as mãos.

– Perrin, pegue as algemas... – ele disse.

Aquilo era brincadeira. Só podia ser.

Eu só precisava espirrar e eu o partiria em dois.

– É sério que você acha que vai me prender e me levar como uma escrava? – ri.

Puxei meu braço para me livrar de sua mão, mas, para minha surpresa, ele era realmente muito forte e segurou a pressão sobre meu pulso, mantendo-me presa.

– Não adianta... – disse Pierre entregando a ele umas algemas de ferro – Olaf é muito forte. Você não tem chance. Sinto muito... – parecia mais envergonhado ainda.

Concordava que ele era realmente forte, mas eu nem tinha feito força para me livrar de verdade. Achei que, como um humano, qualquer movimento que eu fizesse seria suficiente para me livrar dele.



– Olha... – suspirei – Não quero machucar você; então é melhor me deixar ir – disse em definitivo.

Olaf gargalhou.

E eu odiava que rissem de mim.

Deixei o Fluxo Primordial fluir e se estender por todo o meu corpo. O poder que eu havia dominado durante o treinamento com QingLong ia além de tudo o que aquelas pessoas, ou mesmo minhas amigas Drakkar poderiam imaginar. Eu havia dominado o poder do Fluxo Primordial e, mais que isso, conseguia me conectar diretamente com o Fluxo Primordial Caótico, o qual QingLong chamava de Sekhem. Eu nem sequer precisava acumulá-lo. Eu fluía de uma vertente ilimitada dele.

Forcei meu braço e, facilmente, liberei meus punhos de suas mãos, jogando-o ao chão, do meu lado.

Pierre e Olaf ficaram visivelmente admirados com aquilo, como se não entendessem o que havia acontecido. E, realmente, não deviam entender mesmo.

– Ela é especial – riu Olaf – Vamos pegá-la Perrin! – ele se levantou rapidamente.

Pegá-la? O que era aquilo? Eu era o quê?

Fiz menção para ir para cima dele, porém senti que meus pés estavam sendo forçados contra o chão.

Olhei para Pierre e vi que ele apontava suas mãos para mim e, de alguma forma, mesmo que muito pouco, sentia que algo como a Essência Primordial fluía dele contra mim. Porém ele não me parecia nada com aqueles Protetores que eu havia conhecido.

– Desculpe... – ele disse sem jeito.



RYUJIN E A SELA PERDIDA

– Agora você vai conhecer o poder o Martelo Invernal – gargalhou Olaf levantando as mãos unidas e jogando-as contra mim, como se fosse me esmagar.

Levantei meu braço para bloquear o impacto e fui verdadeiramente surpreendida pelo peso daquele golpe. Se eu fosse humana teria me machucado seriamente. Todavia, para mim, aquele violento contato sequer me fez dobrar um pouco os joelhos.

– O que são vocês? – eu perguntei curiosa.

Não eram humanos comuns. Não pareciam Drakkars, nem Protetores. O que eram aquelas pessoas?

– Quem é *você*? – Olaf inquiriu confuso – Só pode ser uma Drakkar...

Pelo menos eles sabiam do nosso mundo.

– Ela não é... – disse Pierre – Os Protetores tentaram segurá-la e não teve efeito.

– Isso que vocês usaram... – comentei – É parecido com a Palma Servil?

Eles se olharam assustados.

– Você sabe sobre isso? – perguntou Pierre.

– Solte-a, Perrin – disse Olaf, desistindo de me “pegar”.

Pierre liberou a força que usava, acreditando que me segurava no lugar, e ambos pareceram relaxar.

– Nós não usamos a Palma Servil – disse Pierre.

– Perrin, cale a boca – repreendeu Olaf.

– Mas mestre, talvez ela saiba a Palma Servil... – disse Pierre – E poderia ensinar para nós...



Eu não sabia. E sequer precisava saber. Tudo o que aprendi era fazer fluir o Fluxo Primordial pelo meu corpo, conectar-me com o Fluxo Primordial Caótico, e descer a mão em quem precisasse.

– Você sabe? – Olaf perguntou desconfiado.

– Não... – respondi – Mas isso que vocês usaram é parecido...

– Mais ou menos – Olaf coçou a cabeça – É bem poderoso, mas não é a Palma Servil. Aqueles malditos Protetores guardam esse conhecimento a sete chaves.

– Tudo bem... Não precisa me explicar – disse, interrompendo-o – Preciso ir – voltei a seguir para longe deles.

– Ryujin! – gritou Pierre – Espere...

Eu só precisava achar QingLong e sair daquele lugar, mas pelo visto ia ser difícil seguir meu caminho.

– O que foi? – perguntei sem paciência.

– Você parece muito poderosa... – ele disse – Segurou o Martelo do meu mestre Olaf como se fosse uma pena...

Olaf ficou visivelmente ofendido.

– Então... – continuou Pierre – Queria pedir que nos ajudasse...

– Perrin, cale a boca – Olaf o repreendeu mais uma vez.

– Não dá – disse – Estou indo procurar alguém e preciso achá-la o quanto antes. Não posso ficar perdendo tempo.

– Você nos ajuda, e nós ajudamos você... – disse Pierre rapidamente.

– Não preciso de ajuda – disse.

E era verdade. Eu podia me mover rápida como um pensamento. Sabia onde era a Caverna Yin, ou o Palácio dos Protetores.

